

A presença de valores orientais na cultura brasileira: as novas religiões japonesas*

Gilberto Baptista Castilho¹
Marília Gomes Ghizzi Godoy
Universidade São Marcos

Resumo

Este artigo discute significados socioculturais das novas religiões japonesas (NRJ) e a cultura brasileira. Em particular, aborda a Igreja Messiânica Mundial e a Seicho-No-Ie. Os adeptos, que em sua maior parte são não-orientais, projetam-se mediante uma demanda de interculturalidade e de multiculturalismo, que marca as dinâmicas das NRJ.

Palavras-chave: Orientalização; novas religiões japonesas; Seicho-No-Ie; Igreja Messiânica Mundial.

Abstract

The article discusses socio-cultural meanings of the New Japanese Religions (NJR) and the Brazilian culture; in particular it approaches the World Messianic Church and the Seicho-No-Ie. The adepts, in its majority are non-orientals, project themselves over a demand of interculturality and multiculturalism, which mark the dynamics of the NJR.

Keywords: Orientalization; new Japanese Religions, Seicho-No-Ie; Messianic Mundial Church.

Introdução

As novas religiões japonesas (NRJ) destacam-se no cenário cultural brasileiro pela formação de um espaço de diversidade e de representação que assume uma realidade própria frente a uma situação de globalização e de multiculturalismo. Uma paisagem cultural torna-se notável com a origem de um campo de significados sociais e políticos que se ordenam frente à universalidade religiosa, às interações dos sujeitos envolvidos nos contextos sagrados e em suas inquietações cotidianas.

* The presence of Eastern values in the Brazilian culture: the new Japanese religions

¹ Endereço para correspondências: Rua Waldomiro Guilherme de Campos, 80, Jardim Butantã, 05507-020, São Paulo, SP, (11) 3819-3327 (E-mail: mgggodoy@yahoo.com.br).

Situando-se em uma visão sociossignificativa da cultura na pós-modernidade, Canclini (2005) insiste em tratá-la não como uma essência, mas como diferenças mobilizadas em torno de histórias de confrontos, de situações locais e globais. Seguindo-se esse autor e os dados aqui discutidos, nota-se uma situação de interculturalidade como forma de compreensão das trocas, dos confrontos e das negociações que marcam o ambiente religioso e sua originalidade japonesa.

O cenário das religiões de origem japonesa, das NRJ, desvenda-se inicialmente por sua representação no censo demográfico de 2000. Registraram-se cinco religiões de origem japonesa. No topo dos dados figura a Igreja Messiânica, seguida pela Seicho-No-Ie, Perfect Liberty, Tenrikyo e Mahicari.

Tabela 1
Demografia e filiação religiosa brasileira

Religião	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-oeste	TOTAL
Igreja Messiânica Mundial	3.434	16.278	75.902	6.594	7.102	109.310
Seicho-No-Ie	844	1.396	18.899	3.780	2.865	27.784
Perfect Liberty	36	295	4.611	169	354	5.465
Tenrikyo	161	270	2.415	778	162	3.786
Mahicari	74	231	1.512	531	706	3.054
TOTAL	4.549	18.470	103.339	11.852	11.189	149.399

Fonte: IBGE. Censo 2000.

Um dado importante dessa presença indica sua concentração nas regiões Sudeste, Sul e Centro-oeste, vigoram as NRJ nos centros urbanos. Sabendo-se que a maioria dos 150 mil adeptos compreende membros de origem não-japonesa, define-se um público que se projeta pela criação de significados culturais comprometidos no *corpus* dessas religiões.

Torna-se presente um movimento de divulgação ultramarina dos japoneses, que tomou vulto como um processo de "multinacionalização", conforme propõe Nakamaki (1986).² Salienta-se o sentido cultural comprometido na base das influências dessa mobilização denominado de *orientalização*.

² "Religião multinacional" designa grupos religiosos que, possuindo características de empresas multinacionais, dedicam-se ao proselitismo em diversos países, formando, desse modo, redes de caráter multinacional (NAKAMAKI, 1986, apud TOMITA, 2004).

Trata-se de um fenômeno que tem maior incidência em meios urbanos e modernizados, e abrange as influências não só de religiões, mas também de filosofias orientais (ALBUQUERQUE, 2001).

Diante de processos sociais configurados por trocas e domínios que se tornam hierárquicos, o meio de interculturalidade impõe-se ao mobilizar uma religiosidade tanto de origem oriental como ocidental. Uma influência própria do cristianismo e da civilização ocidental está articulada na dinâmica dos valores em discussão.

Básico da explicação desse fenômeno é entender seu expansionismo diante da crise da racionalidade ocidental moderna e da situação de reencontamento do mundo. Criaram-se motivações capazes de atrair metáforas próprias orientais que se tornam convincentes em um momento de extrema materialização do progresso tecnológico e da ciência. Essa contextualização situa-se também diante do movimento de contracultura dos anos 60 (ibidem).

Por outro lado, considera-se o tema da mudança cultural, a qual, no meio acadêmico, foi avaliada pelo conceito de *sincretismo cultural*. Entendendo que os meios em confronto não podem ser visibilizados isoladamente e nem como expressões culturais materializadas, é preciso deixar claro que os universos simbólicos refletem um meio relacional de nossa sociedade, como indica Da Matta (1987). Trata-se de uma situação em que valores adquirem unidade expressiva dessa capacidade brasileira de relacionar coisas que parecem opostas. Diante da vertente oriental ocorrem projeções e vivências dos devotos. Ficam estes inseridos em universos que permitem inserções e desenvolvimentos que formam um complexo de valores e de relacionamentos.³

Com o objetivo de discutir a expansão, presença e significados das NRJ no Brasil, este artigo discute inicialmente os movimentos religiosos surgidos no Japão a partir do início do século XIX, designados como "Novas Religiões" (*shin-shûkyô*). Torna-se importante caracterizar o meio de origem das NRJ no Japão. Em seguida os autores procuram entender como são elas introduzidas em um meio cultural brasileiro, derivando de dinâmicas sociais ligadas à imigração japonesa. Perguntou-se sobre os significados dos contextos religiosos e sua representação de origem oriental, os quais freqüentemente são mencionados pelos adeptos como "japoneses".

³ A explicação desse fenômeno, mediante o princípio de cisão (corte ou ruptura), compreende as idéias e os valores em compartimentos estanques que não se comunicam e, nessa perspectiva, uma pessoa pode considerar-se participante de cada um desses compartimentos. Esse princípio aplicado à religião faz com que, no exemplo do Candomblé estudado por Roger Bastide, um negro se considerasse dessa religião de origem afro e, ao mesmo tempo, católico. Essa definição de Bastide, citada por Cucho (1999, p.133-134), foi usada por Tomita (2004) para caracterizar adeptos brasileiros das NRJ. No presente estudo, entende-se haver uma coexistência complexa de valores, cuja compreensão reflete o caráter ambíguo e de natureza relacional de nossa cultura, como indica Da Matta (1987) e foi também admitido por Ferretti (1995) com relação aos estudos do sincretismo religioso afro-brasileiro.

Considerando-se particularmente a Igreja Messiânica Mundial e a Seicho-No-Ie, retratam-se representações e concepções rituais, as quais são capazes de atrair e convencer devotos em seus enfrentamentos cotidianos.

Contexto e origem das novas religiões japonesas no Japão

O termo *shin-shûkyô* é usado para expressar as novas religiões originadas por meio de movimentos religiosos surgidos no Japão, a partir de meados do século XIX. Eles estão comprometidos com as transformações históricas que ocorreram no Japão, as quais indicam a introdução de valores ocidentais e de modernização. No ambiente social e político retratam-se as condições de passagem para a formação das NRJ.

De acordo com Rochedieu (1982, p. 191-192), podem-se estabelecer três períodos históricos em relação ao surgimento e à expansão das NRJ. O primeiro vai de meados do século XIX, final da era *Tokugawa*, anos dos líderes militares do Japão feudal, os xóguns, além de toda a era *Meiji* (1868-1912), e chega a 1920, quando o Japão já era uma nação industrial e moderna. Na era *Meiji* as novas religiões japonesas eram reconhecidas oficialmente como *Xintô das Seitas*, deixando assim uma época, a *Tokugawa*, quando foi proibida a formação de novas seitas. Desse período é interessante destacar o surgimento de duas religiões: a mais antiga, a Tenrikyô, e a Oomoto. O segundo período abrange o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918, havendo, em 1931, pela expansão militarista, a invasão pelos japoneses da Manchúria. Esse período é caracterizado como de opressão às novas seitas, tendo um cenário caracterizado por grande depressão econômica e com movimentos militares totalitários. Uma das seitas, a Oomoto, foi quase suprimida pelo governo nesse período (PEREIRA, 1992, p. 161). Por fim, no terceiro período, que se iniciou após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, um novo alento inseriu as novas religiões na via de uma expansão solidificada pela liberdade religiosa estabelecida pela Constituição Japonesa de 1946.

As sementes das NRJ inseridas na abertura do Japão ao mundo trazem em si um caráter universal que se expressa em seu expansionismo voltado para outros países. Por outro lado, no Japão, as religiões tradicionais, budismo e xintoísmo, têm continuidade e destaque hegemônico, enquanto as NRJ ocupam uma posição discreta no cenário religioso desse país. Dentro de um complexo contexto de valores originais de outras culturas juntamente com intenso proselitismo das NRJ, não é de estranhar que tal grupo religioso se dissemine mais em outros países do que em sua terra de origem, assim como mobilize muito mais descendentes não japoneses, que se sentem atraídos pela faceta oriental dessas religiões.

Impacto e enraizamento das NRJ no Brasil

O alojamento das religiões japonesas no Brasil, de acordo com Mori (1988, p. 559-601), é compreensível em quatro períodos. O *primeiro*, no início da imigração, de 1908 à década de 20, é designado "ausência de religião" e exprime a precária situação dos imigrantes japoneses naquela época. O *segundo* período, que vai desde a década de 20 a meados da de 30, quando se intensificou a imigração, foi classificado como "atividades religiosas na colônia". Nesse período, apareceram as primeiras NRJ, como Honmon-Butsuryushu (primeira instituição budista japonesa), introduzida em 1936, pelo imigrante Genju Ibaragui (GONÇALVES, 2003, p. 17), Oomoto, Tenrikyo e a Seicho-No-Ie. O *terceiro* período, designado "êxodo rural – migração urbana", abrange a metade da década de 30 ao início da década de 50. Nele se processa a migração urbana quando, por conta de uma bem-sucedida conjuntura econômica da agricultura, muitos japoneses passaram de arrendatários a agricultores independentes. Alguns se mudaram para as cidades, de preferência para capitais, como São Paulo, sendo a principal razão desse êxodo a educação dos filhos. Nesse contexto, foram os japoneses adaptando-se às cidades em uma nova estrutura que se formava na composição social brasileira: a classe média.

A cidade de São Paulo é a que teve maior foco de migração, pelo fato de as colônias japonesas se concentrarem no interior do estado, devido principalmente à lavoura do café, onde a maioria desses imigrantes trabalhava. Trata-se de um foco de desenvolvimento que se exprime por um progresso econômico e social. Esse período coincide também com a Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu cerceamento da colônia japonesa, que foi impedida de desenvolver plenamente sua atividade religiosa. Desse modo, esse terceiro período foi também conhecido como "hibernação das religiões".

A partir da década de 1950 tem-se o *quarto* e último período, conhecido como "ressurreição das religiões japonesas", quando ocorreu um primeiro impulso da difusão das religiões japonesas e sua expansão nos centros urbanos. Diante do contexto socioeconômico pós-guerra, teve-se em seguida uma projeção das organizações dessas religiões em seu trabalho de difusão e de disseminação mais intensa de suas doutrinas. O processo de expansão – que aconteceu inicialmente dentro da colônia – expandiu-se principalmente nas décadas de 60-70 entre os não-descendentes.

A industrialização e urbanização trouxeram um novo indivíduo que necessitava de respostas aos novos dilemas que se apresentavam. Por outro lado, começaram a surgir e ser aceitas novas expressões de religiosidade,

enfrentando-se a antiga hegemonia do catolicismo. Surgiram no bojo dos novos ensinamentos valores de que o novo homem carece, como sua própria valorização, a de uma nova estrutura familiar nuclear e um universo ético diante das relações de trabalho e do capitalismo industrial.

De acordo com Pereira (2000, p. 214-216), podem-se atribuir seis razões para o sucesso das novas religiões japonesas no Brasil. A *primeira* é caracterizada pelos "processos variados que ocorrem a nível global": a transnacionalização de comunidades religiosas, revolução nos meios de transporte e nos meios de comunicação. Esses meios, precários de início, vão se tornando cada vez mais eficazes e presentes no contato entre os religiosos e intentos de expansão.

A *segunda* razão é a de nível nacional e compreende o "caráter de modernização". Existe um ambiente no Brasil que favorece a expansão dessas religiões, como de modernização, urbanização, industrialização, nucleização da família, democratização e formação de um pluralismo religioso. Deve-se atentar para que a boa organização da colônia japonesa no Brasil formou a base para sua posterior difusão.

No contexto de uma modernização, tornou-se evidente a situação do catolicismo, como sugere Gonçalves (2003, p. 54-55). Nessa época, a Igreja Católica manteve a estratégia conservadora e antimodernista própria de sua condição no século XIX. Esse proceder suscitou a procura pela classe média de alternativas religiosas, que encontrou eco em ações modernizantes expressadas no protestantismo. Pela análise dos censos de 1940 a 2000, vê-se o decréscimo de adeptos do catolicismo e um crescente número de seguidores de outras religiões.

A presença do espiritismo contribuiu de forma decisiva para uma aceitação e procura pelas manifestações religiosas orientais, fato que teve sua razão em função das semelhanças de princípios (*karma*, reencarnação). Não menos significativa foi a Nova Era,⁴ movimento que teve origem nos Estados Unidos, manifestou-se nos inícios dos anos 50 e abriu espaço para muitas novas convicções que se alastraram pelo mundo.⁵

⁴ Por Nova Era entende-se um movimento que congrega crenças esotéricas de inspiração teosófica, gnóstica, rosacruziana, além de concepções próprias de religiões orientais como o budismo, taoísmo e hinduísmo, e que se apresenta como um movimento difuso, não centralizado, que tem como pontos principais a busca por uma nova espiritualidade por meio de experiências subjetivas, freqüentemente de natureza mística; a valorização do conhecimento baseado na intuição; uma visão de mundo espiritualista e holística; a crença na evolução do espírito; a concepção de Deus na forma panteísta (Deus é tudo) ou panenteísta (Deus está em tudo). Também é um movimento que estimula o uso de artes divinatórias, práticas terapêuticas alternativas e defende a ecologia (GONÇALVES, 2003, p. 13).

⁵ A Nova Era começou pelo movimento beatnik, com seus poetas e mochileiros, que se posicionaram contra convenções e autoritarismo estabelecidos. Seu aspecto político definiu-se em 1963 nas manifestações contra a Guerra do Vietnã. Sua expressão teatral mais famosa foi a do musical Hair (1967), com a música-tema Age of Aquarius (Era de Aquário). Esse movimento incorporou-se a outras formas de expressão artística e a mudanças do comportamento da sociedade. Ao expandir-se, o movimento Nova Era passou também a abranger o ambiente de experiências pessoais, técnicas, como a yoga, meditação transcendental, espiritualidade, que se retratam nos valores considerados orientais (MAGNANI, 2000, p. 11-12).

Segundo Pereira (2000, p. 214-216), a *terceira* razão é referente às “características e orientações das religiões japonesas dentro de um processo de modernização”. É diante das tendências de transformação social e racionalização que as NRJ estão marcadas por práticas e rituais simples, orientação ética personalizada, auto-ajuda, busca por benefícios neste mundo e algo característico da religiosidade japonesa designado *bankyôdôkon* (reconhecimento de que todas as religiões têm uma origem comum).

A *quarta* razão remete aos “pontos de conexão entre a realidade religiosa no Japão e no Brasil”. Elementos religiosos em comum entre os dois países criam estímulos facilitadores para um diálogo religioso. Dentre esses elementos destacam-se a presença comum nesses países de práticas sincréticas, uma multifiliação religiosa e um grande campo de religiosidade popular.

A *quinta* razão assinala um grande “reconhecimento aos líderes dos movimentos religiosos”. Diante disso, tornou-se compreensível um contexto heróico de atuação e liderança religiosas. São destacáveis os líderes: irmãos Miyoshi e Daijiro Matsuda na Seicho-No-Ie, Chûjirô Ôtake para a Tenrikyo e Watanabe para a Igreja Messiânica Mundial. Esses líderes tornaram-se referências vivas no projeto místico religioso aqui em discussão.

Finalmente, enfoca-se uma *sexta* razão: a influência dos acontecimentos “aleatórios”. Às vezes, fatos que passam despercebidos para algumas pessoas constituem elementos que fazem uma outra adotar aquela religião. Pode ser a arquitetura do templo, as cerimônias, o *sife*, o “acaso” atribuído a acontecimentos que a aproximaram dessa religião etc. O processo de adaptação de uma religião ao meio onde ela pretende se difundir expressa de forma relevante seu sucesso mediante uma sedutora paisagem de contrastes.⁶

De acordo com pesquisas realizadas, acrescenta-se uma nova tendência: a utilização da mídia nesses meios religiosos. Tornou-se central como forma de divulgação da doutrina a expressão de um movimento mobilizado na *cultura virtual*.⁷

⁶ Entre os valores das NRJ, salientados por seus adeptos, destacam-se “os templos”, as várias formas de reuniões e rituais (dão impressão de ambiente de estudos, meditação e atendimento individualizado), desempenhos ligados à cura de doenças (com programas relacionados com alcoolismo, drogas, equilíbrio familiar, juventude), uso de arte (ikebana), ecologia e gnose.

⁷ Em relação à mídia e religião, ganham destaque os seguintes dados. Por meio do rádio, o programa Seicho-No-Ie no Ar é transmitido por 115 estações no Brasil e uma na Internet, além de ser disponibilizado no site oficial da Seicho-No-Ie (criado em 1998). Na televisão, existem 18 emissoras que transmitem o Programa Seicho-No-Ie na TV, diário (segunda a sábado) em âmbito nacional. Destacam-se as três revistas editadas, Fonte de Luz, Pomba Branca e Mundo Ideal, que juntas têm tiragem mensal em torno de 500 mil exemplares (CASTILHO, 2006).

Contextos religiosos e significados orientais

A representação central da cultura japonesa em sua expansão ocidental por meio das NRJ destaca-se pelo caráter hierárquico e de devotamento da tradição oriental. Os vários setores da vida são conhecidos e respeitados por um sentido ético que está polarizado na obediência e no devotamento filiais. O caráter centralizador desses valores como marcas de um espaço cultural japonês foi já registrado na obra de Ruth Benedict (2002).⁸

Esclarecendo-se essa questão, a orientalização do pensamento é compreensiva por meio de suas categorias representativas: síntese, totalidade, integração, dedução, subjetivo, dogmático, intuição, anticiência, pessoal, moral, não-discursivo, associativo, êxtase, imaginativo, irracional (CAMPBELL, 1997, p. 9). Em oposição, no Ocidente vigoram: análise, generalização, diferenciação, indução, objetivo, intelectual, razão, ciência, pessoal, legal, assertivo, poder, ordem, crítico, racional (ibidem).

O culto aos antepassados e o culto de gratidão onipresentes nos meios em discussão derivam das colocações acima destacadas. A gratidão retrata um sentido de compreensão da própria natureza humana, que é de origem divina e tem o dom de sempre se referir ao "outro". Na forma de um encadeamento, sugere a corrente de fé pautada em uma condição de generosidade.

A palavra japonesa *hôtoku* é uma categoria que se impõe no contexto coletivo e retrata o meio subjetivo que se estabelece entre os crentes. *Hôtoku*, nessa condição, transcende sua mera tradução como "necessidade" de gratidão. A idéia sustenta uma instância de consenso, exprime legitimidade e aceitação de hegemonia social.

Na Igreja Messiânica Mundial, as cerimônias de agradecimento tomam a forma de culto de gratidão e têm uma dinâmica centralizadora das várias iniciativas ligadas aos antepassados e à obtenção de graças. Ele é feito mensalmente em todos os centros religiosos (*Johrei Centers*). O sentido de gratidão entre os messiânicos dirige-se para doações que ocorrem como expressão moral das obrigações dos fiéis e tomam forma material de agradecimento mediante as doações financeiras.⁹

⁸ A obra citada de Benedict (2002) foi escrita em plena Segunda Guerra Mundial, a partir de estudos iniciados em 1944. A autora descreve e analisa o modo de ser e pensar do japonês. Inicialmente, é abordada a ênfase da superioridade apregoada do espírito sobre a matéria. O respeito à hierarquia em todas as estruturas, a começar da familiar, é outro traço marcante dessa cultura. A multifiliação religiosa, principalmente no que concerne ao xintoísmo e budismo, é ponto de contraste com o modo ocidental. A partir da visão religiosa, sobretudo por meio do xintoísmo, o homem é dotado de uma natureza divina essencialmente boa, o mal expressa as máculas a serem purificadas. Por fim, outra visão que destoa da do Ocidente é a educação com uma visão do homem em suas fases de vida, as quais permitem total liberdade de ser e fazer na infância e na velhice, enquanto existe grande cobrança no cumprimento das obrigações e na consideração ao grupo que pertence, durante a vida adulta.

⁹ Na Igreja Messiânica as exigências de gratidão em dinheiro estão vinculadas à doação mensal do dízimo pelos membros. Há outras formas por meio de gratidões ligadas aos eventos religiosos do calendário ritual litúrgico.

Vigoram ensinamentos sobre a gratidão no material publicado e particularmente no livro *Allcerce do paraíso*, que é a obra central da Igreja Messiânica Mundial, fruto das revelações de seu fundador (*Meishu Sama*).

Na Seicho-No-Ie, a ênfase da gratidão está cultivada no uso da palavra, em trabalho voluntário e em cerimônias específicas, como culto aos antepassados, os quais se traduzem como ato de agradecimento. Dentro do ato de agradecimento é destacado o agradecimento aos pais, que remete ao valor, anteriormente citado, do devotamento filial. Na perspectiva do uso da palavra, uma das principais orações da Seicho-No-Ie, a Revelação Divina da Grande Harmonia, destaca-se por um sentimento de gratidão como meio de Deus revelar-se na vida do fiel (ALBUQUERQUE, 1999, p. 38-39).

A gratidão é também abordada em seminários específicos que acontecem por períodos definidos, locais que conglomeram um número expressivo de fiéis. Por meio de palestras e dinâmicas, eles assimilam a importância dada pela doutrina a esse tema. Como ocorre entre os messiânicos, a forma de gratidão e doação material tem no processo denominado Missão Sagrada sua principal expressão. A Missão Sagrada consiste na contribuição do adepto, que pode se inserir em classes de valores monetários que mais bem se ajustem a seus rendimentos. Em suas reuniões e nas publicações das reuniões mencionadas, propõe-se que a gratidão possa se dar em forma de trabalho e em contribuição material.

A concepção de alma que percorre os ensinamentos das NRJ surge das considerações tratadas, encaminha-se à formação de ideais de purificação e polimento do espírito. Os termos *jissô* (imagem verdadeira), *kamigari* (caráter divino), *ookami* (grande família) e *selmei* (verdade) aplicam-se nos meios de sacralização. Um dom de "origem oriental" revela-se em uma constante recriação por convencer os praticantes sobre suas condições divinas.

É por intermédio das concepções retratadas que os fiéis situam "ganhos" e convicções como membros das NRJ. Justificam eles sua nova condição religiosa pelas possibilidades de construir experiências de vida que se projetam em um contexto pleno para aperfeiçoamentos e renovações, e onde é imperante o valor centrado no sujeito religioso situado em um cenário alternativo de aprendizagens e de avaliações pessoais.

Entender os erros como máculas e ver-se pela compreensão de significados que se encaminham para avaliações e mudanças toma um rumo contrastante com um passado religioso situado por muitos fiéis como repleto de culpabilidade e condenações, penitências e pré-concepções morais.

Em continuidade, descobre-se um meio simbólico ligado à saúde e à doença. Ele origina-se da visão doutrinária que valoriza o estado natural do organismo e de um elaborado código relativo à formação de energias ligadas à saúde do espírito. Nessa dimensão, o contexto de valorização da natureza, de práticas de agricultura natural, de remédios fitoterápicos possibilita uma definição clara dos fiéis como contrários a certas influências ocidentais. Essa ênfase pode dar sentido às semelhanças entre os valores da NRJ com movimentos ecológicos ocidentais da atualidade. Tem-se presenciado inúmeros contatos de adeptos das NRJ nessas situações de compartilhamento de significados. Esses intercâmbios conjugam os modos como se transita entre os valores da globalização.

Revigorar e moldar a essência divina no homem exige dele participação no caminho de sua plenitude e de sua auto-realização. Indica-se que as experiências não ocorrem como repetições lineares de uma cartilha, mas promovem elas o ser como entidade persuasiva de si próprio e seu envolvimento em uma linguagem ritualística.

Rituais e milenarismo

O sentido de purificação está presente na IMM por meio do ritual *mitamamigachi*, termo que significa *polir a alma*. Trata-se de uma dedicação de limpeza e asseio dos locais religiosos focados em uma pequena parte "com delicadeza, calma e muito esmero". Esse ato visa, além da limpeza, a um ato de purificação da alma do praticante. Nas várias sedes religiosas e nos centros de aprimoramento, como os *Johrei Centers*, são estabelecidas práticas rituais ligadas ao *johrei*, à agricultura natural e ao *ikebana*.

O *johrei* é uma prática de transmissão de energia divina por meio das mãos. É aplicado de 10 a 30 minutos, em geral, inicia-se na parte frontal do receptor, em seguida, passa-se às costas, e pode se fixar em alguma parte doente para acelerar um processo de cura ou prevenção de malefícios. A aplicação dessa técnica é ensinada como sendo ato de altruísmo. É um meio de purificar o corpo e o espírito, trazendo bem-estar e saúde a quem o recebe e a quem o ministra.

A agricultura natural apregoada pelo fundador, Mokiti Okada, consiste em não utilizar nenhum elemento artificial tóxico no solo, como adubo, fertilizante ou agrotóxico, o que implicaria a criação de valores negativos para os alimentos.

A *ikebana*, uma arte milenar de arranjo de flores, está inserida no conceito do belo, incentivado mediante todas as formas de arte de boa qualidade, a fim de criar um mundo melhor e elevar o espírito do homem.

Nessa descrição ordenam-se os três pilares da doutrina da IMM: *johrei*, agricultura natural e o belo (GONÇALVES, 2003, p. 5). Enquanto os fiéis messiânicos são versáteis nessas práticas que dão acesso a uma revigoração e moldagem da essência divina no homem, os fiéis da Seicho-No-le tendem a conseguir esse mesmo propósito por um *proselitismo da palavra*. Entre estes é abordada a crença no *poder da palavra*, isto é, que a palavra pensada, proferida ou simbolizada por uma pessoa tem o poder de concretizar aquilo a que se propõe representar. Essa idéia de a palavra ter em si um poder concretizador remete ao conceito do *kotodama*,¹⁰ utilizado também em algumas cerimônias e em rituais das NRJ. O investimento educacional da palavra no estudo de livros é incentivado e valorizado. Ele ocupa lugar central nos volumes (quarenta) que formam *A verdade da vida*, de Masaharu Taniguchi.

Os saberes dessas obras e das sutras são apresentados como meios eficientes quando de sua leitura, para a harmonização, cura e salvação do adepto leitor. Educação, letramento e compreensão da palavra seguem para harmonização, cura e aperfeiçoamento do praticante, que se compromete com a dinâmica de aperfeiçoamento espiritual.

O caráter de purificação e o despertar da consciência do leitor para a perfeição do homem, por meio dos livros escritos por Masaharu Taniguchi, estão dentro da perspectiva de essas publicações serem a manifestação de Deus por meio da pessoa do fundador:

*Deus não é um ser frio como uma lei ou um princípio, mas uma **pessoa viva e calorosa**. Por isso é que podemos ver o **Deus do Amor, o Deus-Pai, amigo e afetuoso com quem podemos contar**. Este é o "Deus da Seicho-No-le". Foi este "Deus da Seicho-No-le" quem iniciou o Movimento de Salvação da Humanidade, e passou a publicar através de mim a revista divina Seicho-No-le, a fim de propagar esse pensamento para iluminar a vida da humanidade (TANIGUCHI, 1983, p. 63, grifo do autor).*

Em continuidade a essa contextualização e mística da palavra, destaca-se a meditação *Shinsokan* (ver e pensar em Deus). Trata-se de uma prática enfatizada em escritos e encontros de adeptos. Estes são orientados a fazer essa meditação no mínimo duas vezes ao dia: ao acordar e imediatamente antes de dormir.

¹⁰ Trata-se de uma crença, existente desde os primórdios da cultura japonesa, de que um poder sagrado ou espiritual habita nas palavras da tradicional língua japonesa. Particularmente, quando expressa em certas formas, tais como *norito* (preces de rituais) ou poesia *Waka*, as palavras da língua japonesa poderiam exercer influência sobre as pessoas, os deuses e mesmo nos acontecimentos ou sobre o mundo. Extremo cuidado é necessário para a utilização desse poder próprio das mais tradicionais sociedades. Ele tem sido empregado por alguns dos modernos pensadores japoneses para explicar que a língua e cultura japonesas têm características especiais (JAPAN, 1993, p. 834).

O *Shinsokan* projeta-se no campo central do universo simbólico em que se concebe o praticante a transcender a matéria, o corpo e a mente e ligar-se ao mundo perfeito criado por Deus (mundo do *Jisso*) onde só existe o aspecto perfeito de todas as coisas e seres, incluindo-se o homem (TANIGUCHI, 2003, p. 1). Um poder concretizador da perfeição e purificador de máculas é inserido ao focalizar a palavra em consonância com o poder da imaginação. Possibilita-se a concretização do modelo divino e perfeito do mundo e do homem: o *Jisso* (Imagem Verdadeira).

Na Seicho-No-le existem várias atividades voltadas à purificação. Uma delas, com o mesmo propósito do mencionado *mitamamigaki* da IMM, é o *kenrô*, termo que significa oferenda de trabalho. Os fiéis dedicam-se a práticas de limpeza regidas por uma espiritualidade que se torna envolvente entre os locais e os dedicadores. Academias espirituais, centros religiosos e mesmo locais públicos são alvo dessa prática. Ela ocorre com regularidade nos seminários ou em iniciativas individuais dos adeptos nos locais de reuniões da religião.

Rituais de purificação de origem xintoísta, baseados na queima de pequenos "bilhetes" que identificam os fiéis, suas aflições e anseios, dão à Seicho-No-le um espaço de extrema convicção e mistério. Essas práticas – que implicam uma adesão valorativa dos fiéis – realizam-se com certa raridade, programadas com muita antecedência nos locais de reunião, e frequentemente nos seminários realizados nas academias espirituais. Dentre esses rituais, o *O-Harai*, de origem xintoísta, compreende a ação do sacerdote por meio de orações em japonês com tradução instantânea, leitura de sutra e queima de papéis contendo o nome e a idade dos adeptos participantes da cerimônia. Essa atividade difere, quanto ao objetivo, de outra existente: *Purificação da mente*, em que os papéis contêm escritos que expressam sentimentos negativos de agressividade, insatisfação ou tristeza. Enquanto a primeira é voltada aos pecados praticados inconscientemente ou às influências negativas que recaem sobre a pessoa, a segunda refere-se às máculas geradas conscientemente (ANONYMUS, 1978).

Um ponto nevrálgico das NRJ consiste em suas polarizações de fé e práticas místicas mediante a formação de locais considerados sedes desses acontecimentos. Essa dimensão está inserida na visão milenarista e messiânica desses movimentos, pois se consideram esses centros verdadeiros universos celestiais na dinâmica de um aperfeiçoamento crescente. Trata-se de locais sagrados, geralmente dispostos em ambientes campestres, com destaque para as riquezas naturais. Aí são incentivados os pilares da fé. Eles têm designações específicas. Na IMM é designado *Solo Sagrado*, compreende um recinto localizado próximo à margem sul da represa Guarapiranga, na região sul da cidade de São Paulo. Idealizado em 1985, iniciou-se sua construção em 1991 e foi inaugurado em 1995.

Como seus similares no Japão e na Tailândia, tem por objetivo ser um modelo de paraíso terrestre, local de harmonia e felicidade. No Solo Sagrado destacam-se, dentro da arquitetura, locais de convivência, de eventos e mata nativa. A Nave Central é uma obra que comporta 20 mil pessoas, construída em forma de anel, com 16 pilares de 18 metros de altura cada um, e ao fundo um obelisco de 50 metros. A Nave do Templo tem três altares, o central é dedicado a Deus, o da direita a *Meishu Sama*, tratamento dado ao fundador Mokiti Okada, e o da esquerda aos antepassados.

Designados de *Academias de Treinamento Espiritual*, os centros milenaristas da Seicho-No-Ie expressam uma área do poder religioso e concentração de fiéis. São locais dotados de infra-estrutura adequada para estudos e práticas da Seicho-No-Ie. Estão situados em regiões rurais onde também acolhem como cenário mágico um paisagismo natural. No Brasil destacam-se as academias: no Estado de São Paulo, a Academia de Treinamento Espiritual de Ibiúna; no Rio Grande do Sul, a Academia de Treinamento Espiritual de Santa Tecla; na Bahia, a Academia Espiritual de Santa Fé; e, no Paraná, a Academia de Treinamento Espiritual de Curitiba.¹¹

Considerações finais

Torna-se revelador neste artigo um novo contexto de significações que se define em relação as NRJ e o qual é conduzido na moderna condição de globalização e definição intercultural dos processos religiosos. Os seguidores, ao cultivar tradições orientais, situadas em sua originalidade "japonesa", divergem de movimentos que têm por base representações ideológicas de uma etnicidade e política étnica. O espaço social e político reflete-se como originário de uma modernidade, contramodernidade. Os adeptos recriam-se em um meio de interculturalidade que se tornou estratégico quanto aos ideais de atualização da racionalidade moderna e de definição dos sujeitos e devotos.

A Seicho-No-Ie e a Igreja Messiânica Mundial, diante de um destacado espaço cultural representado pela mobilização de membros de uma antiga tradição ocidental (cristã), tornam-se cada vez mais pressionadas na definição de suas convicções centrais e da ordenação multicultural do movimento religioso. A criação de um sentido cultural oriental impõe-se por uma projeção hegemônica das NRJ no cenário religioso brasileiro.

¹¹ Nas academias de treinamento espiritual realizam-se cerimônias e eventos específicos da doutrina: a) Em abril, as duas mais expressivas cerimônias: Festividade do Santuário Hoozo do Brasil (Culto aos Antepassados) e Cerimônia no Monumento dos Anjinhos Anônimos (Abortados); b) Seminários com abordagem da doutrina para públicos específicos: jovens, empresários, crianças, idosos, mães, líderes do movimento; c) Seminários com temas específicos: relacionamentos (pais e filhos, casais, família), de cura. Como o número de adeptos japoneses é inexpressivo perante os não-descendentes, existem poucos seminários em língua japonesa.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, L. M. B. Oriente: fonte de uma geografia imaginária. *Revista de estudos da religião* (REVER), PUC-SP, n. 3, p. 114-125, 2001.

ALBUQUERQUE, L. M. B. *Seicho-No-Ie do Brasil: agradecimento, obediência e salvação*. São Paulo: Annablume, 1999.

ANONYMUS. Departamento de Ofícios Religiosos da Seicho-No-Ie do Brasil. *Práticas para o aprimoramento espiritual: que são – como executar*. São Paulo: Seicho-No-Ie do Brasil, 1978.

BENEDICT, R. *O crisântemo e a espada*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. Col. Debates, 61.

CAMPBELL, C. A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, ISER, v. 18, n. 1, p. 5-22, 1997.

CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

CASTILHO, G. B. *A Seicho-No-Ie do Brasil no contexto religioso das novas religiões japonesas: cultivo e divulgação da palavra*. 2006. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Educação, Administração e Comunicação) – Universidade São Marcos. São Paulo.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.

DA MATTA, R. *A casa & a rua, espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FERRETI, S. F. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: Edusp; São Luís: Fapema, 1995.

GONÇALVES, H. R. *O fascínio do Johrei: um estudo sobre a religião messiânica no Brasil*. 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

JAPAN. *Illustrated encyclopedia*. Na. [S.1.]: Kodansha, 1993.

MAGNANI, J. G. C. *O Brasil da nova era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MORI, K. Vida religiosa dos japoneses e seus descendentes residentes no Brasil e religiões de origem japonesa. In: *Uma epopéia moderna – 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec – Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1988.

NAKAMAKI, H. *Shib-sekai no Nihon shûkyô*: Nihon no kamigami to ibunmei ["As Religiões japonesas no Novo Mundo: deuses do Japão e civilizações estrangeiras"]. Tóquio: Heibonsha, 1986.

PEREIRA, R. A. Religiosidades japonesa e brasileira: aproximações possíveis. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA JAPONESA E I ENCONTRO DE ESTUDOS JAPONESSES. *Anais do...*, Brasília, 2000, p. 209-221.

PEREIRA, R. A. *Possessão por espírito e inovação cultural: a experiência religiosa das japonesas Miki Nakayama e Nao Deguchi*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão – Massao Ohno, 1992.

ROCHEDIEU, E. *Xintoísmo e novas religiões do Japão*. Lisboa-São Paulo: Verbo, 1982.

TANIGUCHI, M. *Shinsokan e outras orações*. 32. ed. São Paulo: Seicho-No-Ie do Brasil, 2003.

TANIGUCHI, M. *A verdade da vida*. v. 3. São Paulo: Seicho-No-Ie do Brasil, 1983.

TOMITA, A. G. S. As novas religiões japonesas como instrumento de transmissão de cultura japonesa no Brasil. *Revista de estudos da religião (REVER)*, PUC-SP, n. 3, p.88-102, 2004.